

PRELIMINAR

Conheci o P.^e Bacelar e Oliveira, pela primeira vez, nos longínquos anos de 1939-1941, quando ele era ainda aluno de humanidades. Já então se tornara singularmente notado pela sua capacidade de reflexão e emoção, onde despontaram as suas raras qualidades de orador. Assunto que ele tomasse, sabia dar-lhe um toque pessoal e transmitia-o com calor, convicção e agrado.

Mas depois, nos seus estudos de filosofia, teologia e sobretudo no seu doutoramento, cresceu nele a figura do filósofo e do pensador que se interna nos horizontes da explicação do Homem e procura descobrir, com rigor, as linhas mestras do pensar, em busca do Ser-no-Confim, nos graus de Ser e categorias de duração, da inserção do Espiritual no Tempo, do Homem e da Morte, da Paixão da Alma pelo Homem. Em seguida, como professor, entusiasmou-se pela Crítica (Gnosiologia) como Ciência Primeira, da sua natureza, do seu objecto e método e sobretudo do seu conceito.

A análise fundamental do problema filosófico em Bacelar e Oliveira centra-se na metafísica e cria-lhe uma perspectiva inovadora na Escolástica que importa evidenciar. Apesar do declínio da Metafísica no século XIX, ele repara na reacção metafísica que surge no século XX e adere a essa reacção; a reflexão específica, por exemplo, da ontologia fundamental heideggeriana retomou no Ser o tema por excelência da metafísica. «E como não são apenas, nem talvez principalmente, as teses positivas que denunciam ou originam rumos de doutrina — cabe ao próprio materialismo dialéctico uma função metafísica mais eficiente que a do simples Positivismo no século XIX. Tentando eximir-se à metafísica, cujo horizonte específico é o Ser, o pensamento materialis-

ta, desde que tomou a iniciativa de materializar-se e justificar-se, veio de novo incidir numa fórmula doutrinária sobre aspectos transcendentos à Matéria. Este ciclo é fatal e, para evitá-lo, níveis filosóficos de grau mais lógico limitaram-se a uma prudente reserva racional, agnóstica, sobre o ser ou estrutura mais profunda do real. Por isso não negaram nem a inteligência espiritual, nem o transcendente ao mundo e ao sujeito, nem a possibilidade do conhecimento em si das coisas.» A formação de uma fronteira de negação ôntica origina, além disso, como observa Bacelar e Oliveira, a reflexão em sentido contrário. Isto nos permitiu assistir contemporaneamente, em meados do século XX, ao reflorescimento das metafísicas de melhor sentido espiritualista e à reposição dos grandes temas ontológicos da filosofia clássica.

É neste contexto histórico que Bacelar e Oliveira se situa ao desenvolver a sua metafísica clássica renovada. Curiosamente, ele parte intrepidamente de Aristóteles, de S. Tomás e especificamente dos Cominbricenses, analisados e revistos em profundidade, e, permeável às exigências da filosofia contemporânea, lançou-se num entranhamento radical de construção metafísica «clássica» que constitui a mensagem da sua originalidade.

Abandonando limitações talvez empobrecedoras da metafísica escolástica anterior, a qual se perdia em métodos de uma teoria do conhecimento extrinsecista, que se contentava com os exames prévios da faculdade de conhecer, em base lógica, ele vai mais além e não receia radicalizar a análise intelectual, implacavelmente, até aos mais essenciais fundamentos do Juízo. Realiza uma Crítica Pura em vez de se limitar apenas a uma Crítica aplicável à Razão Pura. «Enquanto esta pressupõe, embora o não queira, a faculdade de julgar que aplica à Razão, aquela vai a essa mesma faculdade de julgar, ao juízo nuclear de todo o conhecimento, juízo de Ser, cuja inteligibilidade, a ser acessível, somente o será no próprio exercício do acto de Pensar, e neste, na forma mais simples, primitiva e radical, pronta por isso mesmo a converter-se no cerne de todo o conhecimento intelectual humano.» Nesta concepção a Crítica torna-se imanente à Metafísica. Destacou-se esta, para uma região superior à da Ontologia, ou seja, à de determinação inteligível do Ser como constituído perante a Inteligência. Aquilo que era concebido como uma Teoria da revelação do Ser passa a incluir também a concepção da sua génese; o problema da Ontologia passa a envolver o da Ontogonia.

A essência do Ser será sempre a forma específica do objecto da Metafísica e nela reside a nota diferenciadora da investigação fundamental última sobre o real, o pensar e o agir. Por isso o objecto da medi-

tação ontológica da Escolástica provoca sempre uma tomada de posição em face do absoluto. Neste sentido poderíamos dizer que a inteligência encara o Ser numa atitude meta-histórica. Só em tal nível lhe parece garantida a inteligibilidade do objecto. As categorias de universalidade, necessidade e radicalidade ficam salvas. Salvas, sim, mas em abstracto. Platão, Aristóteles e o próprio Kant visaram este horizonte ontológico, inviolável no objecto formal da metafísica. Mas deixando a repercussão subjectiva do tema do Ser no campo de uma contemplação pura e desinteressada e transferindo-a para os dados de uma vicissitude realizadora, ela adquire um carácter contingencial, começa a fazer parte do drama interior de sujeito pensante, implica o desvendamento da categoria de futurição ôntica, o problema do Destino, a própria sorte do ser pessoal. A metafísica deixa de ser apenas o campo da abstracção e interessa-se também pelos problemas históricos, pelos problemas da realização de uma antropologia na dinâmica do horizonte da afirmação metafísica.

Assim partindo da análise radical do acto intelectual de julgar (o Juízo) em que se funda o conhecimento humano pela afirmação Transcendental do Ser em que tudo é conhecido, Bacelar e Oliveira aponta e desdobra as riquezas e perspectivas da sua metafísica, considerando-a ponto de partida da especulação e construção filosófica, e recolhe esta sua visão nos trabalhos sobre Crítica que aqui se publicam e foram objecto da sua leccionação como Professor.

Mas esta fundamentação completou-a numa perspectiva ampla e real em que o homem é concebido como síntese do Universo onde convergem os seres materiais e o espírito, o indivíduo e a pessoa, a eternidade e o tempo (ou de como nasce a história). Por este tema da sua metafísica iniciou a sua investigação filosófica (tese de doutoramento: O Homem como Antinomia e Harmonia na Concepção Metafísica de S. Tomás de Aquino, 1949, e aqui se apresenta nos artigos «No horizonte da eternidade e do tempo — Antinomia da duração humana», «Estrutura do ser do homem — Confin entre os corpos e os incorporais» e «O homem como universo — Na origem das concepções antropológicas»). Mais tarde alargou o campo da sua reflexão metafísica ao problema da liberdade, que já antes despontava incidentalmente mas não pôde aprofundar (cf. «Ontologia e ontogonia»).

Por aqui seguia a sua linha de pensador, e sobre a qual nos deixou estes belos ensaios, quando a vida lhe deu um assalto e o levou para novas perspectivas que lhe dificultaram a sua vocação de filósofo. Foi pena, por um lado, mais grandioso, por outro. A vida não pede licença, manda. Primeiro lançou-o em novas iniciativas e congressos

como o IV Centenário da Universidade Gregoriana, o I Congresso Nacional de Filosofia, o IV Centenário da Universidade de Évora, e alargou a sua actuação e o seu diálogo à Goerresgesellschaft, ao Thomas Institut, à Universidade de Friburgo, ao XII Congresso Internacional de Filosofia e a tantas e tantas brilhantes iniciativas culturais.

Mas a sua maior obra iniciou-se com a construção da primeira fase do edifício da Faculdade de Filosofia, que afinal veio a ser a primeira Faculdade da Universidade Católica Portuguesa. Primeiro Reitor desta Universidade, durante quatro mandatos, instituiu, com espírito magnânimo, esta Universidade, para a qual foi preciso, antes de mais, encontrar base legal, que não existia no Estado Português, e depois na Congregação das Universidades de Roma, de burocracia exigente e de difícil penetração. O espírito inteligente, diplomático e com certo ar de navegador aventureiro, segundo a antiga tradição portuguesa, do P.^e Bacelar e Oliveira, se foi impedido de construir a sua obra filosófica como desejava e o seu talento augurava, deu a mais forte ajuda para desbloquear o ensino universitário não estadual e ao mesmo tempo deixou a sua melhor obra conseguida que é a Universidade Católica Portuguesa, com as suas Faculdades florescentes e a Sociedade Científica destinada à investigação universitária. Quando se realiza, em sucessivos lanços, ao longo de uma vida cheia, como é a do P.^e Bacelar e Oliveira, uma obra tão esplêndida e majestosa, não podemos deixar de exclamar que valeu a pena viver!

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA

SOBRE A ESSÊNCIA DO CONCEITO DE FILOSOFIA

A lógica clássica entendia por «conceito» aquilo que sobre uma coisa determinada se nos apresenta ao espírito. E distinguia no conceito dois aspectos: o subjectivo e o objectivo. O primeiro diz respeito ao acto pelo qual a Mente forma o conceito objectivo; este, por sua vez, confere ao conceito subjectivo especificação, assume a forma do objecto, exprime-a intencionalmente na entidade imaterial da Faculdade. Em outros termos, o conceito objectivo é a «ideia» que nós formamos de uma coisa, quando em via de juízo da mesma pela Inteligência. Por um conceito se exprime a essência ideal das coisas, sem constituir ainda a sua afirmação ou negação na ordem das existências reais. O conceito refere o «ideal» de um «real» que se apresenta como inteligível.

Falando do «conceito de Filosofia» referimo-nos primariamente a este «ideal» que preside ao labor filosófico «real», mas como que subsiste, mantendo-se intangível e inatingível, numa região mais pura, autónoma, e que por isso mesmo permanece imune, em face das vicissitudes do processo de encarnação histórica através dos Filósofos e das suas Filosofias.

Em independência de sistemas e de autores paira, incontaminada, a forma «exemplar» que todos buscam, alguns conseguem com maior ou menor perfeição encarnar, mas nenhum pode exaurir.

Se nos perguntarmos que «ideia» se forma no nosso espírito sobre a «essência da Filosofia», e como a noção desta se operou em nós, somos levados a pensar na descoberta da tendência ingénita para uma *forma suprema do Saber Humano*. Tal o «conceito

de Filosofia» que poderíamos chamar, até certo ponto, «espontâneo».

Uma idêntica substância racional aparece, por sua vez, expressa numa fórmula «clássica» que, nos seus termos fundamentais, se constitui desde os gregos e se baseia sobretudo nos princípios da Metafísica de Aristóteles. A Filosofia é designada aí, em expressão culta, como «ciência puramente racional sobre a última razão de ser de tudo», «ciência de todas as coisas pelas suas causas últimas adquirida pela simples luz da razão», ou «ciência dos primeiros princípios de ser».

Encontramo-nos, assim, em face de um conceito de Filosofia que, nos dois casos, se afirma como «ideal». De facto, a noção que, sobre a essência da Filosofia, surge «espontaneamente» ao espírito, preparado por um adequado desenvolvimento cultural, é a de um Saber dotado de supremacia. Por sua parte, a noção «clássica», abrangendo o objecto expresso e a actividade conciente, exhibe como essencial uma Sabedoria que é «ciência» com a prerrogativa de genuína transcendência, quer no objecto, quer no processo radical de execução.

Percorramos primeiramente, *em síntese*, a estrutura específica deste Saber e a condição pura desta Ciência, ocupando-nos em seguida, *analiticamente*, com as notas ideais constitutivas da «forma» da «essência» do «conceito de Filosofia».

I. PRINCÍPIO — SUPREMACIA E TRANSCENDÊNCIA

Falámos de «forma da essência».

O conceito, como função intelectual, deve representar inteiramente, sob uma luz de imaterialidade, pureza e eternidade, a essência do objecto a que se refere.

Prescindimos do processo de formação. Encaramos apenas a sua razão inteligível.

Mas a essência, por sua vez, para ser entendida no que nela é essencial e determinante, há-de manifestar-se pela «forma constitutiva intrínseca».

Sem o *formal* da *essência* esta mantém-se ainda reclusa e complexa. A «forma» exprime-a em simplicidade. Define-lhe o carácter sob a razão última e individuante. Por ela se «clarifica» libertando-se, perante o espírito, do que antes a «obscurcia» ao contaminá-la de elementos racionais extrínsecos.

Pela forma se torna a essência «distinta» em si, apurando a linha genética da perfeição racional intrínseca.

Ir em demanda da essência do conceito de Filosofia consiste pois em depurar e distinguir a estrutura da «forma». A «forma» será então, em ideia, verdadeiramente um «ideal», já agora no sentido corrente, para toda a moção real encarnadora da Filosofia.

No sentido de uma feliz expressão aristotélica, referente aos vivos, a forma é, mesmo neste caso, «enteléquia», princípio interior, nato e activo, da perfeição individual de um ser determinado, em ordem a conduzi-lo à sua Plenitude.

A «enteléquia» é «forma» e a «forma» é «alma».

Qual será pois a «forma» ou «alma» da Filosofia? Em que rumo será possível buscá-la? Revela-se, em si e por si, ao espírito, ou manifesta-se através de uma «intenção» cuja moção se percebe, cujo termo se insere como actuante na subjectividade do princípio pensante, mas que nunca, perante ele, se representa numa objectivação absolutamente explícita?

A palavra «Filosofia» parece dar-nos a entender isto mesmo. Mais talvez que a vicissitude de um melindre de modéstia que tenha levado Heraclito ¹, ou a tradição sucessiva e subconsciente dos pré-socráticos, a empregar a expressão «amigo do saber», influi no subconsciente dos Filósofos esta consciência do imensamente remoto que se encontrava o «ideal» do saber ou da ciência completa e perfeita, e da inefabilidade do conteúdo desse apogeu vivido mas não expresso.

Não obstante este cunho antinómico de um saber que se apresenta como tendência para a ciência perfeita, cujo grau mais alto Aristóteles quis designar na «*Philosophia prima*» ², mas que nunca é objectivável em pura expressão racional, sempre os filósofos se esforçaram por encontrar e exprimir a sua essência.

Porque esta reside em algo de transcendental não pode ser com perfeição definida. Os termos com que se designa também

¹ Sobre a formação da palavra «Filosofia» até atingir a designação técnica há um largo estudo em Ueberweg, *Grundriss der Geschichte der Philosophie*, I Teil, *Philosophie des Altertums*. Cf. pp. 1-6, ed. 13, Basel, 1953.

² Cf. *Metaph.*, I, 1, Bekker, 980-983a, e S. Tomás, *In XII L. Metaphysicorum Aristotelis*, «Proem.», lect. I, n. 1-53, e lect. III, n. 52-68, ed. Marietti, 1950.

não devem ser interpretados em univocidade com o uso corrente e aplicado.

Ou se chame «Sabedoria» ou se chame «Ciência», para designar a natureza própria e específica do Conhecimento que esta forma de Sabedoria pressupõe e a diferença específica pura que a distingue e eleva sobre qualquer outro plano de saber, sempre temos de reportar-nos a uma condição de transcendência.

É o «transcendental», no sentido a que nos referimos, aquilo que se encontra para além de todas as categorias ou graus, ocupa uma posição eminente e por isso mesmo, embora resuma os que lhe são inferiores, não é exequível por um movimento progressivo e homogêneo a partir deles. Constitui a forma jerárquica pura. É como já antes o dizíamos uma razão pura e perfeita de apogeu.

Coroa mas na razão do sublime: alto, pleno, inacessível por continuidade e desenvolvimento racional progressivo.

Neste sentido a palavra «Ciência» pode ser aplicada à Filosofia com a autoridade que ao uso confere a sadia experiência crítica dos séculos e que o uso restritivo da positividade científica moderna em parte esqueceu mas não suprimiu. Sempre a Filosofia Perene o manteve vivo. Porém, tomando como norma que a sua aplicação não se define em homogeneidade com o emprego corrente, mas exprime a razão natural, intrínseca e primária donde dimana toda a «Ciência»: aquela Ciência que estrutura a Sabedoria porque reside na suprema intimidade da Inteligência em demanda «intencional» do Saber, isto é, movida pela paixão de uma Ciência Suprema e Transcendental. Ela é apetecida por si mesma. Preside a tudo porque no seu âmago reside um Particípio não passado mas presente: o *sciens* que pode dar razão perfeita do seu Ser e do seu Conhecer.

Um saber deste género merece o apanágio aristotélico feito à Metafísica como ciência «primeira», «rainha», «buscada por si mesma», «perscrutadora das causas», «supremamente livre» e «honorabilíssima»³; sem perder o cunho de «ciência» confere realidade e verdade a todo o saber definido nos mais diversos e íntimos planos da consciência humana e das suas «ciências». Por isso a chamamos eminente. O seu estudo é o estudo da Sabedoria, de todos «o mais perfeito, sublime, útil e agradável» (C. *Gent.*, I, 2).

³ Empregamos as expressões com que S. Tomás interpreta Aristóteles e que podem ver-se nos lugares citados acima.

ÍNDICE

<i>Preliminar</i> , por LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA	7
Sobre a essência do conceito de filosofia	11
Introdução ao conceito de crítica	25
Bases para a construção de uma crítica — Sob a ideia de correlação transcendental: funções do conhecimento e modos do ser	57
Da crítica como ciência primeira	93
A crítica perante a ontologia no âmbito da metafísica	127
Sobre o problema ontológico implicado na ciência média	171
Ontologia e ontogonia	175
No horizonte da eternidade e do tempo — Antinomia da duração hu- mana	193
Estrutura do ser do homem — Confin entre os corpos e os incorporais	239
O homem como universo — Na origem das concepções antropológicas	269
O homem como ser para a verdade, segundo S. Tomás de Aquino . . .	297
Da «união» à «separação» no <i>De Anima</i> de Aristóteles — Um pro- blema de método dedutivo no desenvolvimento metafísico	317
Filosofia escolástica e <i>Curso Conimbricense</i> — De uma teoria de ma- gistério à sua sistematização metodológica	325
Sobre a noção de ciência na lógica conimbricense	343
Do magistério e sua arte no processo da ciência	351

ESTUDOS GERAIS
Série Universitária

Últimas obras publicadas:

PENSAMENTO ATLÂNTICO
ESTUDOS E ENSAIOS DE PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO
Paulo A. E. Borges

A *ARETÉ* COMO POSSIBILIDADE EXTREMA DO HUMANO
FENOMENOLOGIA DA *PRÁXIS* EM PLATÃO E ARISTÓTELES
António Caeiro

CONSCIÊNCIA E INTERSUBJECTIVIDADE EM JEAN NABERT
Maria de Lourdes Sirgado Ganho

ENSAIO SOBRE A SEXUALIDADE E OUTROS ESTUDOS
Eduardo Abranches de Soveral

DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO
ENSAIO ANTROPOLÓGICO A PARTIR
DA POESIA DE FÈLIX CUCURULL
António de Macedo

INTRODUÇÃO À EPISTEMOLOGIA
CONHECIMENTO, VERDADE E HISTÓRIA
José Luís Brandão da Luz

ESTUDOS FILOSÓFICOS
Alexandre F. Morujão
Organização e prefácio de Carlos Morujão
Vol. I

DIALÉCTICA DAS CONSCIÊNCIAS E OUTROS ENSAIOS
Vicente Ferreira da Silva
Prefácio de António Braz Teixeira

HORIZONTE E COMPLEMENTARIDADE
SEMPRE O MESMO ACERCA DO MESMO
Eudoro de Sousa
Prefácio de Fernando Bastos

A TEOGONIA DE FERÉCIDES DE SIRO
Fernando Bastos

NOVOS ESTUDOS HUMEANOS

João Paulo Monteiro

TEORIA TRIDIMENSIONAL DO DIREITO

TEORIA DA JUSTIÇA

FONTES E MODELOS DO DIREITO

Miguel Reale

LINGUAGEM E DISCURSO

UMA HIPÓTESE HERMENÊUTICA SOBRE A FILOSOFIA DE ERIC WEIL

Luís Manuel A. V. Bernardo

ESTUDOS DE METAFÍSICA E ONTOLOGIA
PERSPECTIVAS DE UM HORIZONTE FILOSÓFICO

José Bacelar e Oliveira

Prefácio de Lúcio Craveiro da Silva